



Civilismo em terras baianas: representações do “povo” no “Zé” da Revista do Brasil.

*WILLAN DE SOUZA JANUÁRIO

O texto apresentará a Campanha Civilista de 1910 e seu lugar de análise, a Bahia da Primeira República. Para além de uma simples disputa presidencial entre o senador Rui Barbosa e o Marechal Hermes da Fonseca, o episódio revelou uma trama que destoava da aparente aliança São Paulo-Minas Gerais, e acabou evidenciando que outros estados-atores estavam envolvidos no processo. Nesse sentido, o evento foi um dos episódios capazes de fazer rearranjos nas alianças entre os chefes partidários e alterar, significativamente, o quadro político. Essas eleições, que se iniciaram em agosto de 1909 e findaram-se em 1910, produziram fontes interessantes como as charges, os jornais, as correspondências e fotografias que acabam reafirmando o clima acirrado que se instaurou nesses meses. Dentre os documentos, destaca-se a *Revista do Brasil*, período satírico que retratava a política da Bahia.

1

O estudo detalhado de várias charges do periódico baiano revelou características semelhantes e, ao mesmo tempo, diferenças visíveis entre a personagem das revistas ilustradas cariocas e paulistas e a da *Revista do Brasil*. Dentre essas particularidades, o corpo técnico e o conteúdo das charges, apresentado pelo quinzenário, são os mais importantes. No que se refere aos profissionais envolvidos, é possível destacar que os caricaturistas, até onde se pode saber, não eram famosos quanto os artistas nacionais. As assinaturas encontradas nas charges indicam nomes como R. Oliveira (que parece se referir a Raimundo de Oliveira) e Onerom (não encontrado nome original ou referência e que se lido ao contrário transforma-se em “moreno”). De modo geral, não havia diferenças significativas entre os desenhos elaborados pelos dois artistas. Apesar de muitas cenas terem sido inspiradas no contexto de magazines nacionais, revelam a originalidade dos criadores. Os trabalhos que mais se

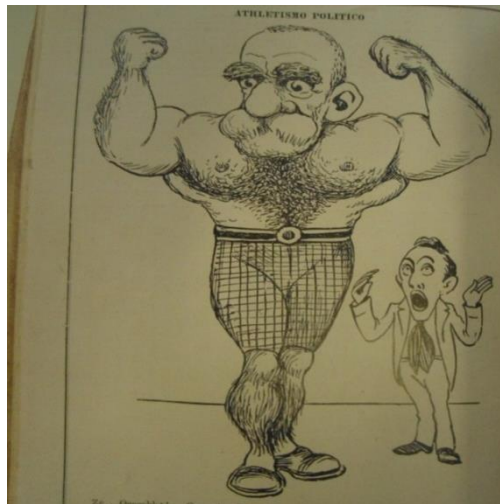
¹ O periódico em análise era publicado quinzenalmente e foi a primeira revista a circular seus anúncios em cores dentro da propaganda baiana, que utilizavam a técnica de tricromia (três cores) e, mais tarde, a policromia (várias cores). Dentre os caricaturistas que contribuíam na produção de charges estavam Raimundo de Oliveira, Albernaz e Raul Pederneiras (1874-1953), o último trabalhou em 1908. A partir de 1906, em Salvador, começaram a circular os primeiros exemplares, sendo uma iniciativa de José Alves Requião, pela Tipografia da Imprensa Econômica que era claramente inspirada em revistas cariocas como *O Malho*. A *Revista do Brasil* circulou até 1912. Inicialmente, simpatizava com o grupo liderado por José Marcelino e Araújo Pinho. Entretanto, já na Campanha Civilista, vinculou-se às hostes políticas de J.J Seabra.¹ Os indícios levam a crer que os reflexos da cisão do Partido Republicano da Bahia, em 1907, tiveram influência na mudança de postura do proprietário da revista, uma vez que o bacharel estava ligado ao partido situacionista. Assim, Requião se tornou um importante apoiador do governo Seabra, dirigindo outros jornais, como a *Gazeta de Notícias*, órgão seabrista.



destacavam, quanto à personagem em questão, eram os de R. de Oliveira que, também, era o diretor artístico do veículo.

A personagem apresentada pela publicação baiana se assemelhava ao veiculado pelo *Fon-Fon!* e *O Malho*, ou seja, aparentava esqualidez reforçada em seus traços físicos de magreza. Os trajes denotavam deselegância, pois o vestiam de forma jocosa. De modo geral, o “Zé Povinho” do periódico não aparentava ser negro ou mulato. O que predominava, era um personagem branco e submisso aos interesses do poder. Nas cenas em que aparecia ao lado de determinados políticos, o “Zé” apresentava o tamanho reduzido e se transformava em um nanico. Havia um esforço dos desenhistas em apresentá-lo no tamanho pequeno e indefeso, quando próximo aos chefes partidários, situação que se repete em várias charges e indica que aquele, em comparação com os detentores do poder, tinha um papel secundário. A figura 1 representa uma situação semelhante.

Figura 1



Autor: desconhecido -

Fonte: Revista do Brasil, 10 jun. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.- “Zé: Oooooohh!... O sequispedal atleta que, pelas mãos de Rui Barbosa, acaba de vencer uma partida difícilíssima na raia mais elevada do parlamento nacional!... Este homem só difere de Hércules, por não ser filho de Jupiter com Alemenes”.

Na imagem, o “Zé”, espantado, admira a “musculatura política” de José Marcelino, comparado ao semideus Hércules. Aliado ao grupo opositor de Marcelino, a *Revista do Brasil* procurava criticar a ideia de um possível sucesso político do senador baiano nas eleições para o parlamento, atribuindo a sua eleição aos méritos do conselheiro Rui Barbosa. É possível notar que o “Zé Povinho” é uma figura coadjuvante na cena, mesmo quando servia para criticar os opositores da revista. Nesse sentido, encontra-se aí o principal papel atribuído pelo quinzenário à personagem: o de um “fantoche” facilmente manipulado pelas classes políticas e que também serviu como meio para que essa revista criticasse os seus opositores.

Um dos quesitos que mais se sobressai na análise do “Zé Povinho” da *Revista do Brasil* é o seu lugar nas cenas construídas por seus caricaturistas. Na maioria das vezes, a

personagem se encontrava afastado das autoridades representadas na situação. De modo geral, não dialogava com os chefes políticos, mas não deixava de dar seus palpites nas conversas. A figura 2, de R. Oliveira, é uma das que mais simboliza a questão, pois o “Zé” se encontra em uma posição remota face aos protagonistas.

Figura 2 - 18 mezes de carcere



Autor: R. Oliveira - Fonte: Revista do Brasil, 10 jun. 1909.BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revista. Afastado da cena o Zé exclama: “Seu Hermes, mire-se n’aquello espelho e veja o que você vai fazer, sendo eleito”.

A cena mostra o “Bloco” ou “Coligação” (empilhados em um só lugar) – um grupo que procurava fazer frente à prática dos presidentes do período de apadrinharem nomes para a sucessão –, o presidente Afonso Pena amarrado e enjaulado e o Marechal Hermes em destaque. A charge é uma referência à posição de Pena que procurou indicar o nome de David Campista (próximo a “Zé”) como candidato à corrida sucessória de 1910. A provável indicação fracassou, devido ao fato de o nome de Hermes da Fonseca ganhar apoio entre os correligionários. Nas legendas, R. Oliveira apresentou a difícil situação em que Pena se encontrava e, ao mesmo tempo, tentava destacar o papel de Seabra no Bloco, o qual o denominava de “discípulo amado”. Ao longo do desenvolvimento das eleições de 1909-1910, a *Revista* saiu da posição de apoio e respeito ao presidente, para uma crítica contundente, devido à opção pelo nome de Campista.

No que se refere a “Zé”, a forma como a personagem era representada em charges proporciona indícios de como os caricaturistas e os componentes da revista baiana enxergavam o papel do “povo” frente às autoridades. Algumas características são marcantes: submisso, passivo e fantoche dos políticos, mas, também, curioso com os acontecimentos, uma vez que ele sempre tinha algo a dizer, mesmo que sua opinião não fosse solicitada. O “Zé povinho” do quinzenário era um apoiador do grupo hermista, vinculado ao seabrismo e utilizado insistentemente para tal fim. Mais uma vez, a posição nas cenas definia o papel

secundário do “povo” na vida política. As charges apresentadas nas figuras 3 e 4 exemplificam a tese.

Figura 3- O angu do Marechal

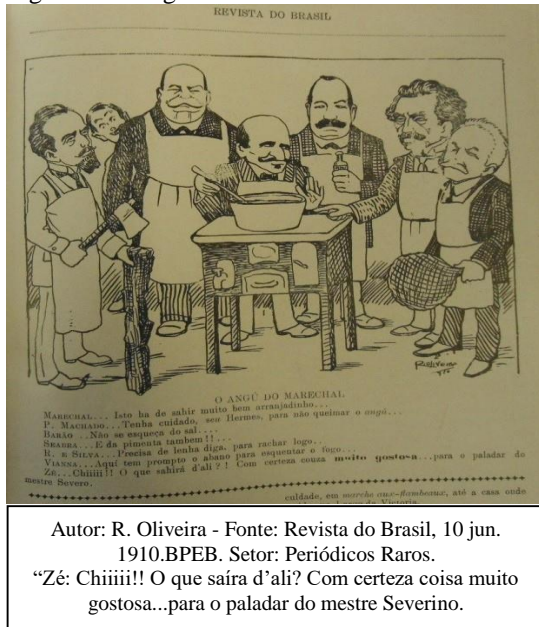
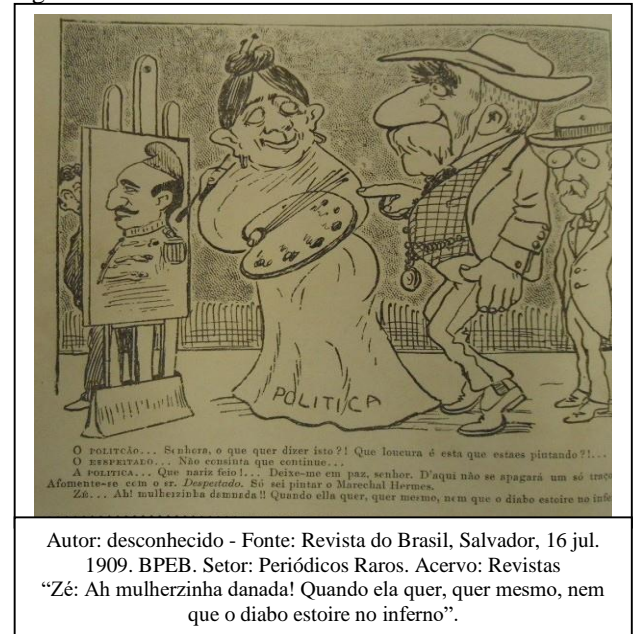


Figura 4- Sem título



Nas imagens, o “Zé” praticamente não aparece na cena, pois fica atrás das autoridades, dos protagonistas do poder. A primeira charge mostra a preparação do “Angu do Marechal” (a expressão “angu”, no humorismo nacional daquele período, era sinônimo de confusão) e contém importantes correligionários que apoiavam a candidatura de Hermes da Fonseca apontando os ingredientes necessários para um bom prato. No segundo desenho, tem-se uma das representações mais reproduzidas nos traços dos caricaturistas daqueles anos, a da “Política” como uma senhora idosa e decrépita que, para contrariando José Marcelino e Rui Barbosa, aparece delineando os traços do candidato militar. Nas duas figuras, a função do “Zé Povinho” é explícita: a de observador e também de adulação para com o grupo político apoiado pela revista de José Alves Requião.

Nesse sentido, se as considerações do historiador Pedro Krause Ribeiro forem aceitas, é possível, ainda, perceber o “Zé” como um boneco, na medida em que ele se comporta como um fantoche utilizado pela imprensa ilustrada do período. Tal perspectiva é trazida pelo autor através do conceito de “auditório universal”, pois permite pensar o “Zé Povo” como uma personificação do auditório das revistas ilustradas do início do século XX e seria uma ponte que carregava as ideias políticas dos chargistas. (RIBEIRO, 2011: p. 100-103)

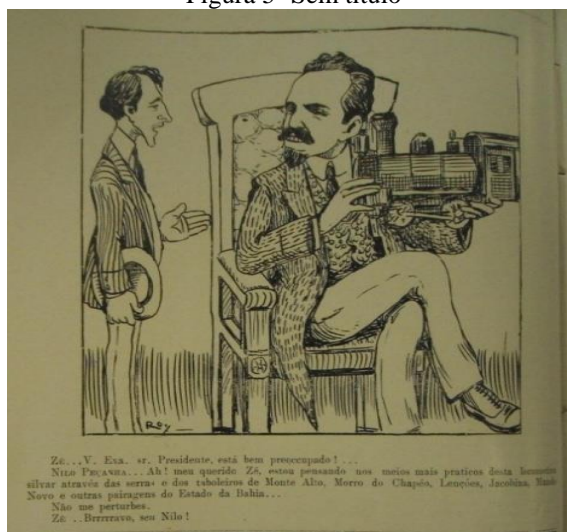
Nesse sentido, o desenho famoso entre os caricaturistas daqueles anos não seria uma simples representação fiel do “povo” brasileiro, mas uma forma de legitimar a opinião dos artistas no cenário político brasileiro e, no caso, o baiano. Não foram encontradas informações suficientes para construir um perfil acerca dos autores das charges - Raimundo Oliveira e Onerom - veiculadas pela *Revista do Brasil*. Essa situação também pode ser explicada por que muitos jornalistas, por temer perseguições políticas, usam pseudônimos e não revelavam seus verdadeiros nomes. Contudo, os desenhos se vinculam à trajetória política do quinzenário baiano, preocupado, no período, em fortalecer as hostes seabristas.

Entretanto, as análises feitas no personagem baiano revelam especificidades que vão além da compreensão do “Zé” como um simples boneco. O desenho, em sua essência, é uma figura cheia de contradições, uma vez que se comportava como submisso nas mãos das autoridades. Mas, também pode ser compreendido como uma representação da censura, ou seja, quando suas falas eram constantemente repreendidas pelos chefes partidários ou mesmo ficavam em segundo plano, era preciso impedi-lo de ter voz. Pode-se imaginar, por exemplo, que suas opiniões acerca do cotidiano da população baiana daqueles anos, se explicitadas, incomodariam os poderosos. Era mais apropriado construir um perfil humorístico que fosse cúmplice dos objetivos do periódico de Requião e do grupo seabrista sem abordar os problemas da vida cidadina. Ainda, outras feições apontam demais características que permitem entender que o “Zé” do quinzenário, além de um fantoche manipulado pelos seus criadores, apresentou determinadas particularidades ao se mostrar incrédulo, irônico, resmungão, sensível, satírico, etc.

As charges acima mostram um “Zé Povo” distante do cenário arquitetado e que mesmo não convidado ao diálogo dava seu palpite. Entretanto, algumas ilustrações sugeriam a participação do personagem em conversações diretas com as autoridades ou até mesmo a sua opinião sendo solicitada. É o caso de uma caricatura em que apoiava a proposta do então presidente Nilo Peçanha (substituto de Afonso Pena) de construir trilhos de ferrovias em algumas cidades da Bahia (figura 5).²

² Ao que parece, a caricatura se refere aos planos de se construir linhas ferro que cortassem essas cidades que se localizam entre a Chapada Diamantina e o semiárido baiano. As informações encontradas indicam que no município de Jacobina a primeira parte da linha “começou sua construção em 27 de maio de 1912 no município de Senhor do Bonfim (doravante chamada de Bonfim) com uma extensão de 118 km. O primeiro trecho desta linha ligava Bonfim à cidade Pindobaçú (que fica pouco antes de se chegar a Jacobina, vindo de Bonfim) foi inaugurado em março de 1917; mais tarde este trecho ampliou-se atingindo a cidade de Jacobina, graças à edificação do sub-ramal que, partindo da estação de Itinga (atual município de Antônio Gonçalves), ao subir o curso do Riacho Água Branca, chegou a Campo Formoso”. Cf: SILVA, Fabiana Machado da. O Trem das Grotas: a ferrovia Leste Brasileiro e seu impacto social em Jacobina (1920-1945). Dissertação (Mestrado em História Regional e Local), Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2009. p. 88

Figura 5- Sem título



Autor: R. de Oliveira - Fonte: Revista do Brasil, Salvador, 15 jun. 1910. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.

“Zé: V. Exa., sr. Presidente, está bem preocupado!...”

Nilo Peçanha: Ah! Meu querido Zé, estou pensando nos meios mais práticos desta locomotiva silvar através das serras e dos tabuleiros de Monte Alto, Morro de Chapéu, Lençóis, Jacobina, Mundo Novo e outras paisagens do Estado da Bahia...

Não me perturbe.

Zé: .Brrrrravo, seu Nilo!”

Mas, em contrapartida, mesmo tendo certas evidências em determinados desenhos o papel do “Zé” ainda continuava sendo o de um bajulador e defensor da causa hermista, até mesmo quando participava da conversação.³ Como anteriormente apontado por Pedro Krause, deve-se entender não a existência de um “Zé Povo”, mas de inúmeros, pois existiam diferenças políticas entre os caricaturistas que criavam a figura caricata. Assim, havia o “Zé” de Raul Pederneiras, o de Storni (1881-1965), o de J. Carlos (1884-1950), o de Calixto Cordeiros (1877-1957), dentre outros (RIBEIRO, 2011: p. 103). Nesse sentido, se nas principais revistas nacionais da época tinha-se diferentes desenhos, o mesmo acontecia com as representações da *Revista do Brasil*, uma vez que mesmo tendo do perfil geral da personagem – branco, magro e submisso – foram encontradas diferentes feições e características no “Zé”.

Nesse aspecto, assim como os exemplos nacionais, foram encontrados vários “Zés” no mesmo veículo. Esses diversos perfis foram criados levando-se em consideração aspectos como o local e o ambiente representado, os personagens envolvidos e o contexto do momento. Algumas charges, que mostravam um cenário cômico em outros países, criavam tipos de diferentes nacionalidades. Essas cenas surgiam em determinadas ocasiões, quando os chefes políticos representados em desenhos se encontravam fora do território nacional. São exemplos disso o “Zé” francês e o alemão, traçados para elogiar as visitas de Hermes da Fonseca à

³ Exemplo de figuras da *Revista do Brasil* de 16 de julho de 1909, quando em uma charge o Zé dialoga com José Marcelino, outra com Rui Barbosa e, ainda, mais uma com Hermes da Fonseca.

Europa.⁴ Os traços físicos do indivíduo da França, por exemplo, mostravam um indivíduo tipicamente europeu se vestindo de forma mais elegante que a figura de “terras tupiniquins”. Já o indivíduo apresentado na Alemanha, apontava um sujeito de roupas típicas do país, com cabelos loiros e estilo regional. Nessas duas charges percebe-se que, apesar de serem “Zés” de outros países, o objetivo era representar a personagem como “puxa-saco, adulador e partidário da causa hermista. Ou seja, o mesmo que o “Zé Povinho” brasileiro.

Caso instigante foi encontrado no “Zé Baiano” (figura 6), que destoava do que se via na *Revista*.

Figura 6 - Filosofia do Zé Baiano.



Autor: não identificado - Fonte: Revista do Brasil, Salvador, 20 ago. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas. O Zé Baiano, ao reclamar das governanças de Pinho e José Marcelino, exclama: “Ah! Que eu, apesar dos pesares, não perco as esperanças”.

Ao invés de um indivíduo branco, aparece um personagem de traços negros e vestido de forma ainda mais jocosa que o do perfil geral do quinzenário. Ao se analisar os traços e as legendas do desenho, alguns questionamentos surgem: quais os objetivos dos caricaturistas em distinguir o “Zé Povinho” (branco) do “Zé Baiano”? E, quais as diferenças reais entre essas duas personagens? O primeiro seria o perfil de “povo” idealizado pela revista? Para responder esses pontos, deve-se entender que a charge em questão, intitulada “Filosofia do Zé Baiano”, trazia uma personagem que não tematizava os problemas sociais, mas as questões referentes à política do momento, principalmente, as críticas a José Marcelino, Araújo Pinho e Rui Barbosa. Como “mulato”, poderia falar de sua difícil situação ao enfrentar a carestia de preços, a repressão policial e a exclusão social. Mas, a intenção é a mesma do “Zé Francês” e demais, criar um fantoche que servisse para defender o grupo político do qual faziam parte.

⁴ É o caso das charges que encontradas no exemplar de 15 de junho de 1910, do Zé Francês e de um personagem loiro que lembra um típico alemão.

Como aponta Marco A. da Silva, em referência às revistas ilustradas nacionais, elementos como os cabelos eriçados da personagem estavam relacionados ao desmazelo típico da questão racial, que se apresentavam como mecanismos de identificação e diferenciação possíveis entre o desenho e o leitor (SILVA, 1990: p, 21). Nesse sentido, ao que parece, o objetivo dessa charge era o mesmo do desenho que representava a Bahia, uma vez que os traços de uma mulher negra e o “Zé Povinho” baiano seriam formas de enfatizar a enorme miscigenação existente no Estado que, inclusive, desagradava as elites que almejavam o ideal europeu. Em contrapartida, a figura branca seria o “Zé” que simbolizava o perfil do povo brasileiro, talvez idealizado por seus criadores, mas que não fugia da representação típica do “povo”, pois esta feição poderia enfatizar a pobreza e o desleixo que atribuíam a essa classe social.

A questão racial foi abordada poucas vezes nas caricaturas investigadas. Mas, algumas charges possibilitam colocar em discussão tema tão instigante. As citações ao advogado e deputado Manuel Monteiro Lopes (1867-1910) constituem um bom exemplo. Nascido no Rio de Janeiro, Lopes teve atuação nos movimentos de luta de trabalhadores e era assumidamente negro. Durante algumas eleições ao Congresso, tentou, sem sucesso, ter a candidatura reconhecida por seus pares. Ao ser barrado em instituições como o Conselho Municipal e a Câmara dos Deputados, Monteiro Lopes mudou a estratégia: em 1909, apresentou-se novamente como candidato a deputado federal pelo primeiro distrito da capital federal, agora vinculado ao Partido Republicano Democrata (DANTAS, 2011: p. 181). Ato contínuo, intelectuais, políticos e órgãos de imprensa agiram contra o reconhecimento do seu mandato.

A *Revista do Brasil* acompanhou o debate e também passou a criticá-lo. Óbvio, as personagens envolvidas não fugiram ao contexto da sucessão presidencial, buscando alvejar Rui Barbosa, Afonso Pena, Pinho e Marcelino. Em 1910, o mundo assistiu à passagem do Cometa *Halley* e tal episódio não podia deixar de servir de piada aos olhos da revista. Em caricatura, Araújo Pinho aparece explicando à Bahia (sua personificação caricata) os efeitos que o astro poderia trazer ao planeta. Ao que parece, no imaginário do período, o *Halley* poderia causar asfixia quando sua cauda “tocasse” a Terra. Na charge, Pinho comentava que, dentre outros efeitos, “quando o cometa desprender o enxofre” os habitantes do planeta ficariam da “cor do Monteiro Lopes e Domingos Silva”.⁵

Em outra charge (figura 7), os ataques raciais a Monteiro Lopes são explícitos.

⁵ Sem título. *Revista do Brasil*. Autor não identificado, Salvador, 15 ma. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.

Figura 7- “A traição em dois quadros antes e depois”



Autor: R. Oliveira - Fonte: Revista do Brasil, Salvador, 19 mai. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas. O Zé se diverte com a situação e fala contra Lopes: “Não há sorte desgraçada enquanto dura a esperança... pode ser, mas, porém, todavia, contudo, etc e tal... o negrinho é lanzudo!”

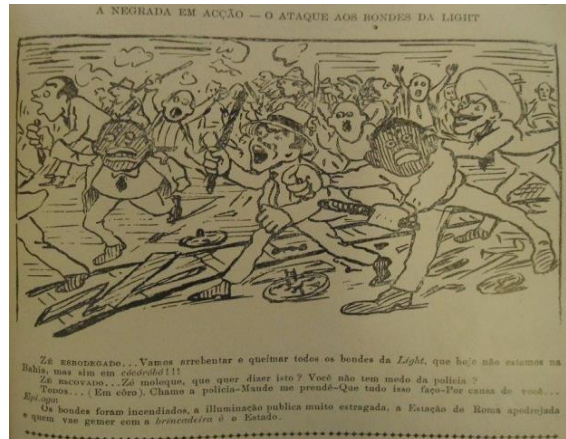
Ajoelhado, em posição de subserviência, Lopes foi chamado de “negrinho”, “escravinho”, “negro lanzudo” (o último adjetivo lançado pelo próprio “Zé Povinho”, que aparece na cena se divertindo com a situação) e, principalmente, de traidor. Longe de discutir a fidelidade do deputado, é perceptível que a referência ao tema racial era algo visto de forma negativa na revista baiana. Nesse sentido, é notório que a posição de Lopes em não escamotear a negritude poderia incomodar a classe política nacional e também levar parte dos intelectuais e da imprensa a promover uma campanha contra sua candidatura ao legislativo.

Outras alusões à questão racial podem ser vistas em caricaturas que representavam diferentes aspectos do cotidiano cidadão. Um exemplo importante pôde ser visto em uma revolta ocorrida na capital baiana. Em 5 de outubro de 1909, um bonde atropelou e matou um cego provocando revolta na população soteropolitana. Ao que se sabe, o engenheiro William Mitchell, um dos diretores responsáveis pela *The Bahia Tramway, Light and Power Co.* – sob a liderança do norte-americano Percival Farquhar (1864-1953)–, dirigiu-se ao local com o intuito de acalmar a situação. Porém, a sua presença gerou um desconforto ainda maior e aumentou a revolta da população. O resultado foi um motim popular contra os bondes da *Light* e os postes de iluminação pública, resultando em prejuízos calculados em torno de 13 contos de réis (SAES, 2007: p. 230).

A *Revista do Brasil* não ficou omissa diante da situação e, como costumeiro entre os jornais do período, buscou desqualificar o movimento com constantes ataques. A ofensiva aos integrantes da revolta revela detalhes importantes sobre o que pensavam os caricaturistas e demais componentes do quinzenário sobre algumas parcelas da sociedade, na medida em que outras personagens surgiam.

Ao observar-se a figura 8 percebe-se que a típica feição do “Zé povinho” do periódico - branco, magro e maltrapilho - não foi o escolhido pelos desenhistas para representar os componentes do “quebra-quebra” aos bondes da *Light*.

Figura 8- “A negrada em ação- o ataque aos bondes da Light”



Autor: R. Oliveira - Fonte:Revista do Brasil, Salvador, 31 out. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas. Dante dos vários “Zés” a revista advertia: “Os bondes foram incendiados, a iluminação pública muito estragada, a Estação de Roma apedrejada e quem vai gemer com a brincadeira é o Estado”.

Na charge intitulada “A negrada em ação: os ataques aos bondes da Light”, surgem outros indivíduos, como “Zé esbodegado” e o “Zé escovado” que depredavam os patrimônios público e privado da capital. Alguns detalhes chamam atenção, como o próprio título da caricatura que tinha o intuito de evidenciar que os componentes do motim eram, essencialmente, negros. No diálogo, um dos personagens deixava explícito que o objetivo do movimento – aos olhos da revista – era o de causar tumulto na cidade, pois para ele não estariam na Bahia, mas na fictícia “Cócóróbó”. Ao que parece, esse nome se refere à região próxima a Canudos e faz clara alusão à batalha que aconteceu no semiárido baiano.

Na mesma cena, outra figura indagava aos seus companheiros o temor que sentiam de uma provável repressão policial. Porém, os membros do movimento são representados respondendo, em coro, que não se intimidariam, ao dizer que “tudo isso o que faço é por você”, no caso, o leitor da revista.⁶ Obviamente, é notório o quanto o quinzenário repudiava os argumentos dos revoltosos, pois alertava a população sobre os estragos que a revolta trouxe para a cidade de Salvador. Entretanto, o argumento que mais chama atenção na cena se refere à identidade étnica dos membros do motim e a desqualificação em torno disso.

⁶“A negrada em ação- o ataque aos bondes da Light. *Revista do Brasil*, Salvador, 31 out. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.

A campanha contra o movimento de quebra aos bondes não parou nesse desenho. Em outra charge, um dos responsáveis pela *Light and Power Co.* foi representado por uma personagem que chamava os integrantes da revolta de “negrada da Bahia” e cobrava atitudes do governador Araújo Pinho e do intendente de Salvador, Carneiro da Rocha. Como é sabido, os registros apontam que o membro da companhia, destacado na charge, Emil Hayn, exigiu que a prefeitura tomasse atitudes em resposta ao movimento. Ao que parece, os ataques à *Light* marcaram uma trégua entre a revista e o grupo político civilista, uma vez que o veículo de comunicação defendeu a posição do Araújo Pinho e dos seus aliados, justificando que, se a polícia agisse com mais firmeza contra os revoltosos, os líderes baianos seriam chamados de sanguinários.⁷

A companhia também tinha negócios no Rio de Janeiro. Nesse aspecto, é importante salientar que a *Light* foi influente tanto na economia estadual quanto na nacional com investimentos consideráveis no setor elétrico. Para consolidar o privilégio exclusivo no ramo, a empresa teve que enfrentar uma guerra jurídica, tendo como advogado e um grande aliado, o próprio Rui Barbosa, que defendeu os interesses da *Light* desde 1906. Uma das principais defesas apresentadas pelo senador estava em garantir a exclusividade da companhia no mercado de energia elétrica, o que exigiu do civilista uma reformulação de seus conceitos acerca dos monopólios. No que tange a Bahia, a corporação também teve que garantir seus negócios, o que implicou entrar em conflito com o governo baiano acusando-o de agir contra seus negócios (CUNHA, 2011: p. 37-53). Dessa forma, é notório o quanto este empreendimento influenciava o cotidiano da população de variadas classes sociais e uma revolta contra seus patrimônios poderia agitar toda a cidade de Salvador.

As referências à questão racial, mesmo raras, estendem-se a outros temas, como os atrasos dos salários dos servidores públicos da Intendência de Salvador. Em certos diálogos, alguns funcionários representados como negros reclamavam da situação dos seus proventos. Nesse cenário, destacavam-se duas charges. A primeira (figura 9) representa dois indivíduos que pareciam ser guardas municipais, reclamando dos atrasos nos salários, um deles era negro. A segunda (figura 10), apresentou um diálogo entre um funcionário público que lamentava a sua situação vivida com uma mulher negra.

⁷ Sem título. Autor não identificado. *Revista do Brasil*, Salvador, 31 out. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Jornais. As citações a outras greves, motins e revoltas são raras nos exemplares analisados. Outra greve que mereceu destaque na *Revista do Brasil* foi a da Companhia Ferroviária da Bahia, que como foi citado nas cartas de autoridades, causou temores entre os chefes políticos estaduais.

Figura 9: A respeito de pecúnia

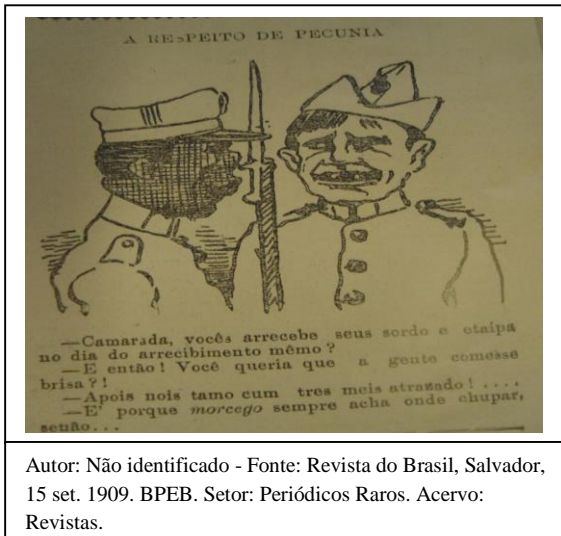
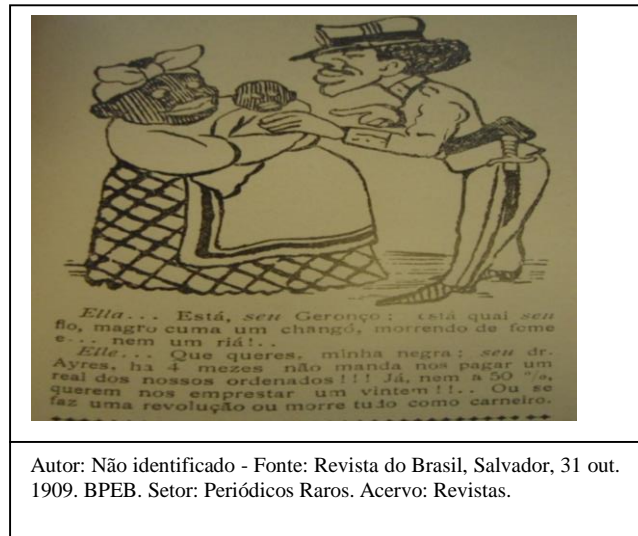


Figura 10: Sem título



Ambos os desenhos têm em comum o fato de os desenhos negros serem apresentados de forma jocosa e maltrapilha, ainda mais andrajosos do que o “Zé Povinho”. Outro aspecto que ressalta essa questão é a forma como as legendas das charges enfatizavam os erros de português atribuídos a esses tipos, que geralmente não utilizavam a norma culta da língua. Nesse sentido, essa parece ser a feição geral escolhida para representar os indivíduos que conseguiram a emancipação definitiva com a Lei Áurea. O típico “Zé”, branco, apesar de a pobreza ser enfatizada, não era acusado de ser responsável por tumultuar a ordem ou era ridicularizado racialmente, ao contrário, apoiava as autoridades e medidas firmes para coibir os revoltosos. Também é importante salientar que construir um personagem negro para simbolizar o “povo” brasileiro seria ir contra os ideais e padrões civilizatórios europeus defendidos por parte do meio intelectual nacional.

É notório também que a figura branca, magra e esfarrapada (representada na maioria das charges da *Revista*), tinha um lugar específico no periódico, ou seja, estava restrito aos cenários do poder nos quais era utilizado pelas autoridades. Ao que as fontes sugerem, o “Zé Povinho” não era utilizado para reclamar da situação social em que vivia a maioria dos baianos do período. A personagem foi criada para fazer e apoiar críticas aos opositores do grupo de José Alves Requião e, naquele momento, os civilistas eram o alvo. No que toca à sua cidadania política, é válido questionar se esse “Zé” integrava o “povo eleitor”. As respostas podem ser ambíguas, na medida em que algumas charges indicaram que, por si só, o típico desenho era detentor do direito ao voto, mas a descoberta de uma específica personagem, denominada de “Eleitor Brasileiro”, deixa esses questionamentos ainda mais complexos.

Na charge (figura 11) que apresenta um diálogo entre o desenho e o então presidente Nilo Peçanha, vê-se uma cena na qual, apesar de não mostrar a sua face, estava vestido de forma menos jocosa do que o “Zé” habitual. De malas, o “Eleitor Brasileiro” questionava ao substituto de Afonso Pena se não tinha um lugar especial reservado ao Marechal Hermes, no Palácio do Catete. No desenho, Peçanha afirma sua resposta positiva ao representante dos eleitores.

Figura 11: No Catete



Autor não identificado. *Revista do Brasil*, Salvador, 15 nov. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.

Charges como essa reforçam, ainda mais, uma das características principais encontradas nos desenhos da revista baiana: a de adulação do personagem do grupo político vinculado ao militarismo. Por sua vez, o “Zé Povinho”, em algumas charges, também se colocava como eleitor.⁸ Nesse âmbito, a dicotomia pode sugerir que a figura criada para representar o eleitor talvez fosse uma maneira de se reforçar o papel daqueles indivíduos que tinham a cidadania política garantida. Ainda, é possível vincular essa caricatura às teses de estudiosos que compreendem a existência não somente de um típico “Zé “povo”, mas de inúmeros “Zés”, que dependia do contexto da cena, do engajamento político dos caricaturistas, dos acontecimentos daquele momento, dentre outras variáveis.

Ademais, para além de compreender o “Zé” como uma marionete dos interesses dos caricaturistas, é possível perceber que um dos atributos essenciais da personagem criada por Rafael Bordalo Pinheiro também pode ser encontrada no caso baiano: o seu lado chacoteador e pilhérico que foi simbolizada por Pinheiro com o famoso gesto do “manguito” representando a expressão “Toma!”. No caso em questão, as galhofas eram direcionadas à política da Bahia, o civilismo e seus membros como José Marcelino, Araújo Pinho e Rui Barbosa. Nesse sentido, também pode-se dizer que o desenho caricato, mais que a passividade

⁸Exemplo pode ser citado na charge de 28.02.1910, ano 4, n. 17. Na cena, em meio aos questionamentos de José Marcelino, Araújo Pinho e demais civilistas sobre o possível fracasso da eleição de Rui Barbosa na Capital, o Zé responde que nas urnas “(...) Eu fui, votei, e posso dizer como César: Cheguei, vi e venci”.

e a adulação apresentadas nas cenas ao lado das autoridades adulator, tinha como uma de suas principais características ser um observador, pois aparecia em determinadas situações - explicitando sua fala ou não – examinando o que os protagonistas do poder tramavam.

Outros grupos sociais que não tinham direito ao voto no Brasil daqueles anos também eram representados nos traços desses artistas, como as mulheres, por exemplo. Eram apresentadas em um papel secundário na maioria das charges, pois apareciam comentando, em tom de fofoca, os bastidores do poder ou apareciam como personagens que simbolizavam determinados ícones, tais como: a República, a Bahia, alguns países com nomes femininos (como a Argentina) ou mesmo a própria *Revista do Brasil*, apareciam sob a forma de mulheres. Nesse sentido, demonstrando mais uma vez preocupação com o cenário de efervescência nacional e internacional do período investigado, os caricaturistas do quinzenário estavam ligados às manifestações ocorridas em um dos berços do movimento feminista mundial, a cidade de Chicago, nas quais as mulheres lutavam pelo direito ao voto.

Em uma charge intitulada “Epidemia de greves: greve das mulheres”, a revista não poupou o movimento de vários sarcasmos, descrevendo quais seriam as principais armas utilizadas pelas grevistas. Nos traços do artista (que não foi identificado), as feministas, vestidas elegantemente, teriam em seu programa de lutas a greve de sexo, no caso das casadas, e a proibição dos pedidos de casamento, entre as solteiras.⁹ Para além das troças, é notório que a revista não via com bons olhos os movimentos de contestação do *status quo*, uma vez que ironizava a posição do deputado Monteiro Lopes, o motim contra os bondes da *Light*, as greves nas ferrovias estaduais e o movimento feminista de Chicago. Nesse sentido, percebe-se que uma das funções do “Zé Povinho” do periódico eram reafirmar a posição das classes políticas sobre a população baiana, estabelecendo certa submissão de determinadas classes sociais diante dos poderosos. Entretanto, é coerente afirmar que as charges trabalhadas se referiram ao período da Campanha Civilista (1909-1910), o que leva a crer que um recorte cronológico mais abrangente também pode revelar outras feições atribuídas ao “Zé”.

Novamente, a existência dos “Zés Povinho” auxilia no entendimento da polissemia do personagem. Nesse aspecto, é evidente que, através de suas variadas representações, é possível problematizar os anseios políticos dos membros da *Revista do Brasil*, assim como suas aspirações para com o “povo”. Como descrito anteriormente, ao se aliar às hostes seabristas, o grupo de José Alves Requião procurou construir um personagem que servisse para apoiar grupo correligionário ao Marechal Hermes da Fonseca, nas eleições de 1910.

⁹EPIDEMIAS de Greves: Greve das mulheres. Autor não identificado. *Revista do Brasil*, Salvador, 15 nov. 1909. BPEB. Setor: Periódicos Raros. Acervo: Revistas.

Entretanto, é possível verificar outras questões que iam além da criação de desenhos de cunho político. Nesse âmbito, entres os caricaturistas, também é possível notar ideais de cidadania e de nação, uma vez que se utilizavam de argumentos discriminatórios de gênero, raça e de classe para reforçar suas percepções do viver citadino que excluía a participação de determinadas categorias sociais.

Por sua vez, os usos do “Zé Povo” nesse periódico estavam de acordo com o que era elaborado pelas grandes revistas nacionais e pela cultura política da *intelligentsia* brasileira no período. De acordo com Marcos A. Silva, a caricatura era apresentada como vítima da prática política, como base física para a ação e objeto das autoridades. Entretanto, veículos como *Fon-Fon!*, *O Malho* e *Careta* utilizavam-na para denunciar os problemas do cotidiano e, ao que parece (pelo menos nas charges analisadas durante a Campanha Civilista), a Revista não se apropriou do “Zé” para essas críticas. As cenas do poder eram o terreno idealizado para o desenho e nas demais temáticas outros perfis apareciam.

Por fim, mesmo que estivesse vinculado aos círculos da política partidária, o intérprete não era capaz de emitir críticas em relação aos poderosos ou mesmo acerca da sua condição de vítima, uma vez que era manejado para justificar as escolhas políticas de Requião. A *Revista do Brasil* procurou adaptar o “Zé Povinho” aos contextos regionais e às contendas políticas da Bahia, o que acabou revelando os anseios desse periódico para com o “povo”. A personagem não somente serviu para evidenciar escolhas políticas dos artistas da *Revista*, mas também os temores das lutas travadas na Salvador da *Belle Époque*, dos ideais de civilidade e do viver na cidade. Nesse sentido, outros veículos da imprensa, como os jornais, também estavam preocupados com essas categorias e algumas expressões que utilizavam para descrever a sua presença nos *meetings* e demais manifestações das autoridades servem como fonte de problematização das representações do “povo”.

Referências Bibliográficas

- CUNHA, Joaci de Sousa. **O fazer político da Bahia na república velha, 1906-1930**, 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade federal da Bahia, Salvador, 2011.
- DANTAS, Carolina Vianna. **Monteiro Lopes (1867-1910): um líder da raça negra na capital da república. Afro-Ásia** (UFBA. Impresso), v. 41, p. 168-209, 2011.
- RIBEIRO, Pedro. Krause. **Usos do povo no discurso político da charge: Zé povo e Zé povinho na imprensa luso-brasileira (1877-1912)**. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História Social (UFRJ). Rio de Janeiro, 2011.
- SAES, Alexandre Macchione. **Modernização e concentração do transporte urbano em Salvador (1849-1930)**. São Paulo, Revista Brasileira de História, v. 27, n. 54, Dez 2007
- SILVA, Marcos Antônio da (1990). **Caricata República: Zé Povo e o Brasil**. São Paulo: Marco Zero.